



*O DESAFIO E ESPERANÇA DE SER ANGLICANO HOJE:
UMA REFLEXÃO PARA OS BISPOS, CLÉRIGOS E FIEIS
DA COMUNHÃO ANGLICANA*

A COMUNHÃO ANGLICANA: UMA IGREJA EM CRISE?

POR DR. ROWAN WILLIAMS, ARCEBISPO DE CANTUÁRIA

Acerca do que, exatamente, são as tensões presentes na Comunhão Anglicana hoje? Muitas pessoas estão confiantes de que elas sabem a resposta: isso é por causa dos bispos gays, ou, possivelmente, por termos mulheres no episcopado. A Igreja americana está a favor desta realidade e outras são contra – e a Igreja da Inglaterra não tem certeza (como sempre).

É verdade que a eleição de uma pessoa gay praticante, como bispo nos EUA, em 2003, foi o gatilho para a maior parte dos conflitos correntes. Sem dúvida alguma, também é verdade que muita tensão também tem sido adicionada, ocasionada pelos preconceitos arraigados e ignorantes de algumas partes; e para muitos outros, dentro e fora da Igreja, a questão parece ser claramente relacionada à dignidade e direitos humanos. Mas o debate na Comunhão Anglicana não é, essencialmente, um debate acerca dos direitos humanos de pessoas homossexuais. É possível – sem dúvida é imperativo – darmos o maior apoio à defesa das pessoas homossexuais contra a violência, a intolerância, o desamparo legal, e apreciar a participação das pessoas de orientação homossexual na vida da igreja, e, ainda assim, crer que isso não atinge os questionamentos se a Igreja Cristã tem a liberdade, baseada na Bíblia e nos seus ensinamentos históricos, de abençoar uniões homossexuais, como sendo expressão clara da vontade de Deus. Isto é o que está sendo disputado entre os cristãos, e a verdade nua e crua é que somente uma minoria responderia “sim” pra esta questão.

A menos que se pense que considerações sociais e legais deveriam ser permitidas para resolver as disputas religiosas – o que é uma suposição altamente arriscada, caso também se creia na verdadeira liberdade de opinião numa sociedade plural – existe um pressuposto de que as organizações religiosas devem lidar com a questão, às suas próprias maneiras. Argumentações têm que ser elaboradas dentro de uma base comum, mediante a Bíblia e ensinamentos históricos. E para deixar claro algo que pode

ser muito confundido na retórica da “inclusão”, isto não é, e nunca deve ser, um questionamento acerca da contribuição de pessoas gays e lésbicas para com a Igreja de Deus e seu ministério, e acerca da dignidade e valor das pessoas gays e lésbicas. Em vez disso, é um tema, agonizantemente difícil para muitos, aquele relacionado à que tipo de comportamento uma Igreja, que procura ser leal para com a Bíblia, pode abençoar, e que tipo de comportamentos ela deve se posicionar contra. E, também, uma questão de como tomamos decisões corporativamente, juntos com outros cristãos, procurando pela sabedoria de Cristo, na medida em que partilhamos do estudo das Escrituras.

Tomadas de Decisões Anglicanas

E é nisso que residem as verdadeiras questões para os Anglicanos. Como nós, enquanto anglicanos, lidamos com esta questão nos “nossos próprios termos”? E o que a maioria dos anglicanos no mundo têm dito é que não adianta comportarmos como se as coisas estivessem resolvidas, quando de fato não estão. É verdade que, apesar das resoluções e declarações de intenção, o processo de ‘escutar as experiências’ de pessoas homossexuais não tem avançado muito, na maioria das nossas Igrejas, e essa questão, para muitos, ainda está no nível básico. Mas a decisão da Igreja Episcopal dos Estados Unidos em eleger um gay praticante como bispo foi tomada, mesmo sem que a igreja Americana (a qual tem discutido muito a questão) tivesse decidido, enquanto igreja local, o que ela pensa acerca da benção de uniões entre pessoas do mesmo sexo.

Existem outras linhas vulneráveis à divisão, é claro, incluindo a legitimidade para ordenar mulheres como sacerdotes e bispas. Mas (como usualmente tem sido esquecido), a Conferência de Lambeth resolveu isto, por enquanto, em relação àquelas igrejas que ordenaram mulheres ao sacerdócio e episcopado e àquelas que não tiveram uma posição similar, no campo anglicano.

As bispas participaram da última Conferência de Lambeth. Existe um reconhecimento considerável (se bem que não universal), de que as diferenças sobre isso podem ser entendidas dentro do espectro de uma diversidade possível dentro do que a Bíblia e a Tradição podem aceitar. Agora, na questão de bispos gays praticantes, não existem tais concordâncias, e seria absurdo procurar por um consenso mais amplo e profundo antes que qualquer mudança esteja à vista, fechando o debate precipitadamente ordenando alguém que esteja numa relação gay ativa, quaisquer que sejam seus méritos pessoais. As resoluções recentes da Convenção Geral não produziram uma resposta completa aos desafios do Relatório de Windsor, mas nesta questão específica, apresentou, pelo menos, um reconhecimento da gravidade da situação no trabalho, extremamente árduo, que ocorreu na elaboração da redação do texto final.

Muitos na Comunhão Anglicana gostariam que o debate nas questões substantivamente éticas fosse parte dum processo geral de discernimento teológico; mas eles crêem que a ação antecipada, tomada em 2003 nos EUA, tornou o debate mais complicado, em vez de facilitá-lo. Isso reforçou as linhas divisórias que concentraram uma grande soma de energias em batalhas ‘políticas’ dentro e entre igrejas, em diferentes partes do mundo. Entretanto, institucionalmente falando, a Comunhão é uma associação de igrejas locais, e não uma organização única com uma burocracia controladora e um sistema universal de leis. Portanto, tudo depende daquilo que tem sido, de um modo geral, convenções não expressas de respeito mútuo. Onde isso tem acontecido, o quê não pode ser ignorado, tem gerado divisões profundas, com a politização de uma disputa teológica, tomando o lugar da reflexão racional.

Portanto, se outras igrejas têm dito, devido aos eventos de 2003, que elas não podem permanecer em plena comunhão com a Igreja Americana, isso não deve ser automaticamente visto como uma forma de intolerância cega contra pessoas gays. Onde tal tipo de intolerância for manifesta, devermos deixar claro que a mesma é inaceitável; e se isso não estiver bem claro, não seria de qualquer forma novidade que toda a questão tem sido reduzida, na visão de muitos, à uma batalha entre justiça e preconceito violento. E dizendo isso, qualquer que seja a questão presente, nenhum membro da igreja pode tomar posições unilaterais e, ainda assim, esperar que isso não faça diferença em como elas serão tratadas na Comunhão; isso seria desconfortante, como se disséssemos que cada um dos membros pode redefinir os termos de membresia “como” e “quando” eles bem entenderem.

Algumas ações – e ações sacramentais de modo particular – simplesmente causam o efeito de colocar a igreja para fora, ou transpondo a corrente de vida que ela partilha com outras igrejas. Isso não é uma questão de jogar as pessoas pra dentro das trevas mais profundas, mas sim, de reconhecer que cada ação tem suas conseqüências – e que ações praticadas em boa fé para serem ‘proféticas’, no seu radicalismo, têm conseqüências custosas.

Verdade e Unidade

É verdade que o testemunho daquilo que acreditamos apaixonadamente ser verdade, às vezes, parece ter um valor mais alto do que a unidade, e existem no século vinte, exemplos inspiradores e emocionantes disso. Se pessoas, genuinamente, pensam que um passo como o que foi dado, de ordenar um bispo gay, fosse algo desse tipo, é compreensível que eles estariam, então, preparados para arriscar a quebra de uma unidade que eles poderiam entender como falsa ou corrompida. Mas o risco é um risco real; e nunca é fácil reconhecer quando chega, de forma inevitável, o momento da separação – considerar que isso é a questão, o grande foco de fidelidade ao Evangelho, a qual você mantém ou não. A natureza da ação profética é que não temos uma garantia sólida de que estejamos certos.

Mas vamos supor que não existe nenhum nível de clareza acerca da significância de algumas questões divisórias. Se nós ainda acreditamos que unidade é, geralmente, uma maneira de nos aproximarmos da verdade revelada (‘somente a igreja toda sabe a verdade toda’ como disse alguém), nós enfrentamos, então, a questão acerca de que tipo de Igreja nós, anglicanos, somos, ou queremos ser. Alguns falam como se isso fosse perfeitamente simples – e verdadeiramente desejável – em dissolver as relações internacionais, de modo que cada igreja local possa agir como achar melhor. Isto pode ser tentador, mas, pelo menos, ignora duas coisas:

Primeiro: é uma falha achar que os mesmos problemas e os mesmos princípios se aplicam, tanto nas igrejas locais, quanto entre outras igrejas. De longe, as divisões não acontecem somente entre instituições nacionais, elas se manifestam em cada localidade, e colocam a mesma questão: estamos preparados para trabalhar numa vida comunitária, que não reflita apenas os interesses e crenças de um grupo específico, mas que tenta encontrar algo que seja do interesse de todo mundo – reconhecendo que isso envolve diferentes tipos de custos para todos os envolvidos? Pode ser tentador dizer, ‘deixe que cada igreja local siga o seu caminho’; mas, a partir do momento de que se perde a mentalidade de que precisamos tentar nos manter juntos, de forma a encontrar a verdade mais plena possível, para onde apelariamos, então, num contexto local, em caso de séria ameaça de divisão?

Segundo: isso ignora o grau no qual nos já estamos ligados na vida um dos outros, através duma rede ampla de contatos e intercâmbios informais. Isso não é o mesmo que um relacionamento formal duma comunhão eclesiástica, mas são laços verdadeiros e profundos, e se tornariam mais fracos e mais casuais, sem aquelas estruturas formais. Isso significa que nenhuma igreja local, ou grupo dentro duma igreja, pode, simplesmente, de modo complacente, ajustar-se com aquilo que os cerca ou que a sociedade acha confortável. A Igreja universal não é, simplesmente, a soma total de comunidades locais. Ela tem uma dimensão intercultural, que é vital para sua saúde, e seria ingenuidade pensar que ela pode sobreviver sem algumas estruturas que criem essa

possibilidade. Uma igreja local isolada é menos do que uma igreja completa.

Ambos os pontos estão arraigados na crença de que nossa unidade é algo dado para nós, antes mesmo de escolhermos – ou votarmos. ‘Vocês não escolheram a mim, mas fui eu quem os escolhi’, disse Jesus para os seus discípulos; e quando nos reunimos para celebrar a eucaristia, nós estamos dizendo que estamos todos lá como hóspedes convidados, e não pelo que temos feito. O desafio básico que praticamente as igrejas do mundo todo, qualquer que seja a denominação, têm que constantemente enfrentar é, estamos nos aproximando num ato de Santa Comunhão, uma Eucaristia, juntamente com a igreja do mundo todo, ou estamos apenas celebrando nossa identidade local e preferências pessoais?

A Identidade Anglicana

A razão pela qual vale a pena nos preocuparmos com o Anglicanismo é porque ele tem tentado encontrar uma maneira de ser uma Igreja que não é estreitamente centralizada, nem tampouco, uma federação solta de igrejas essencialmente independentes – é uma igreja que procura ser uma família coerente de encontros comunitários, para ouvir e ler a Bíblia, partir o pão e partilhar o vinho, como hóspedes de Jesus Cristo, e para celebrar a unidade na missão e ministério mundial. Isso é o que significa a palavra ‘Comunhão’ para os anglicanos, e essa é a visão que tem tomado forma em muitos de nossos diálogos ecumênicos.

É claro que é possível produzirmos uma impressão enganosa e arrogante acerca da nossa identidade mundial e fingir que somos uma instituição completamente universal e internacional como a Igreja Católica Romana. Nós não somos. Mas temos tentado ser uma família de igrejas que deseja aprender de cada uma, através das fronteiras culturais, não assumindo que a sabedoria Européia (ou Americana, ou Africana) é o que estabelece tudo, abrindo a vida dos cristãos daqui para a realidade das experiências dos cristãos de outros lugares. E temos visto essas ligações, não primeiramente de forma burocrática, mas nas relações dos padrões comuns de ministério e celebrações – a comunidade reunida em volta da escritura e dos sacramentos; um ministério de bispos, sacerdotes, e diáconos, uma forma bíblicamente centrada na oração comum, focalizada na Santa Comunhão. Esses são sinais de que nós não somos apenas uma organização humana, mas uma comunidade que tenta responder à ação e convite de Deus, que se torna real para nós no ministério da palavra e sacramentos. Nós acreditamos ter questionamentos úteis e necessários para explorar com os católicos romanos, devido ao seu entendimento centralizado da jurisdição, e de alguns de seus posicionamentos históricos em relação a Bíblia. Nós acreditamos ter, igualmente, algumas questões necessárias para propor ao protestantismo europeu clássico, aos fundamentalistas,

e ao pluralismo do protestantismo liberal. Existe uma identidade aqui, apesar de frágil, e apesar de provisória.

Mas o que falta à Comunhão é um conjunto de estruturas adequadamente desenvolvidas, que sejam capazes de suportar a diversidade de ponto de vistas que, inevitavelmente, se manifestam num mundo de comunicação global rápida e ampla variedade cultural. As convenções implícitas entre nós precisam ser esclarecidas, não em função de um mecanismo de controle central, mas para que tenhamos meios, para que estejamos seguros de que ainda estamos falando a mesma língua, cientes que pertencemos à mesma Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo. Está se tornando urgente trabalharmos no sentido de como poderia ser uma estrutura adequada de tomada de decisões. Nós precisamos encontrar maneiras de traduzir esta Comunhão sacramental, sublinhada numa realidade institucional mais efetiva, para que, dessa forma, não comprometamos e envergonhemos um ao outro, de modo a comprometer nossa missão local e universal, mas sim, aprendamos a como partilhar com responsabilidade.

Direções futuras

A idéia de um ‘compromisso’ entre igrejas locais (desenvolvendo-se ao lado dos trabalhos que já estão sendo acontecendo, para harmonizar os cânones de diferentes igrejas locais) é um método que tem sido sugerido, e me parece ser o melhor caminho a seguir. Uma questão de opção de pertença se faz necessária. Aquelas igrejas que estavam preparadas para fazer isso como uma expressão de sua responsabilidade para com os outros, poderiam limitar suas liberdades particulares, em nome dum testemunho mais amplo; e algumas podem não estar dispostas a fazer isso. Nós podemos chegar a uma situação onde haveriam Igrejas ‘constituíntes’ em união com a Comunhão Anglicana e outras, que seriam ‘igrejas associadas’, que ainda estariam ligadas pelos laços históricos e talvez pessoais, alimentadas por muitas das mesmas fontes, mas não unidas numa única e irrestrita comunhão sacramental, e não partilhando das mesmas estruturas constitucionais. A relação não seria diferente da que existe entre a Igreja da Inglaterra e a Igreja Metodista, por exemplo. As Igrejas ‘Associadas’ não teriam participação nas tomadas de decisões das Igrejas ‘constituíntes’, mas elas poderiam muito bem serem observadoras, cujas concepções seriam procuradas ou cujos dons partilhados, de tempos em tempos, e com quem significantes áreas de cooperação poderiam ser possíveis.

Isto deixa muitas questões sem respostas, eu sei, dado ao fato de que as linhas de divisão ocorrem dentro das igrejas locais e também entre as demais igrejas – e não somente numa questão (nós podemos notar o debate contínuo acerca da celebração Eucarística por leigos). Isso pode significar uma necessidade das igrejas locais trabalharem separadamente, de forma ordenada, e mutuamente respeitadas, enquanto elementos ‘constituín-

tes' e associados; mas isso pode também significar um desafio positivo para que as igrejas descubram o que elas acreditam serem conseqüências, ao fazerem parte dum companheirismo sacramental global, uma chance para redescobrir uma obediência comum positiva aos mistérios dos dons de Deus que não são regras coercitivas de cima, mas sim de 'esperar por cada um', o que São Paulo recomenda à Igreja de Corinto.

Não há como a Comunhão Anglicana se manter a mesma, devido ao que tem acontecido no momento. Nem os liberais, nem os conservadores podem apelar para uma identidade histórica, que não corresponde com a situação em que nos encontramos no momento. Nós temos, sim, uma tradição histórica distinta – um compromisso reformado para com a absoluta prioridade para com a Bíblia, nas decisões doutrinárias, uma lealdade católica para com os sacramentos e o ministério tríplice de bispos, sacerdotes e diáconos, e um hábito de sensibilidade cultural e flexibilidade intelectual que não procuram fechar, rapidamente, questões não esperadas. Mas para que isso possa sobreviver com todos os seus aspectos intactos, nós precisamos de compromissos uns com os outros, e que eles sejam mais formais e próximos. E isso não será nada semelhante àquilo que conhecemos até o dado momento. Alguns podem, conscientemente, achar inaceitável esse futuro desconhecido, e essa posição merece respeito. Mas, se desejamos continuar a ser um tipo de Igreja 'católica', se acreditamos que somos responsáveis para com algo maior do que o nosso ambiente imediato e suas prioridades, e queremos manter uma unidade com algo mais do que apenas o consenso do momento, nós teremos um trabalho árduo pela frente, para incorporar isso de maneira mais clara. A próxima Conferência de Lambeth deverá lidar diretamente com essas questões, como parte integral de sua agenda.

Os diferentes componentes de nossa herança podem, até certo ponto, florescer isolados um dos outros. Mas qualquer um deles, exercitados isoladamente, levariam à uma direção totalmente fora do anglicanismo histórico. A preocupação reformada pode nos levar à uma forma perdida de ordem ministerial e à uma ênfase mais forte na autoridade única, e sem intermediação da Bíblia. A preocupação católica pode nos levar à uma doutrina mais elevada de uma unificação estrutural visível do ministério ordenado, em volta de um ponto central. As preocupações culturais e intelectuais podem nos levar a um estilo de vida cristã objetivada em dar sentido espiritual para os moldes gerais da cultura em volta, ignorando revelação e história. Se tomados ao longe, de maneira isolada, cada um desses elementos nos levaria para lugares diferentes – para um evangelicalismo protestante rígido, para um catolicismo romano, para um liberalismo religioso. A aceitação de que cada um desses componentes têm o seu lugar na vida da Igreja e de que um precisa do outro, significa que os entusiastas de cada um desses aspectos necessitam estar preparados para conviverem com certas tensões, ou mesmo, sacrifícios – com uma tradição de ser positivo

acerca duma atitude crítica responsável para com as Escrituras, com as anomalias de um ministério histórico não-universalmente reconhecido no mundo católico, com os limites no grau de ajustamento para com a cultura e seus hábitos, que se consideram possíveis ou aceitáveis.

Conclusão

A única razão de ser anglicano é que este equilíbrio parece ser saudável para a Igreja católica de modo geral, e que isso ajuda as pessoas a crescerem em discernimento e santidade. Ser um anglicano do modo que esbocei, envolve certas concessões e obscuridades, mas provê, pelo menos, maneiras de partilhar responsabilidade e tomadas de decisões que nos manterão, e isso será mutuamente compreensível. Ninguém poderá impor as mudanças canônicas e estruturais que serão necessárias. Tudo o que mencionei acima deve deixar claro que a idéia de um Arcebispo de Cantuária resolvendo qualquer dessas coisas por decreto está errado, mesmo que tentador para muitos. O Arcebispo de Cantuária preside e convoca na Comunhão, e pode fazer o que esse documento tenta fazer, ou seja, destacar a estrutura teológica pelas quais um problema pode ser tratado; mas ele deve sempre agir em colegiado, com os bispos de sua igreja local e com os primazes e outros instrumentos da comunhão.

É por isso que esse processo atual para avaliar nossa situação decorrente da Convenção Geral, é um processo partilhado. Ainda, é possível às Igrejas da Comunhão decidirem que essa é, verdadeiramente, a identidade, a tradição viva, e pela graça de Deus, o dom que queremos partilhar com o resto do mundo cristão nas gerações futuras; mais importante ainda, isso é uma maneira vital de apresentar as Boas Novas de Jesus Cristo para o mundo. Minha esperança é que no período à frente – de reação detalhada aos trabalhos da Convenção Geral, a exploração de novas estruturas, e um posterior refinamento de um modelo de compromisso – isso irá renovar nossa apreciação positiva das possibilidades de nossa herança, para que possamos levar nossa missão adiante com uma confiança mais profunda e harmoniosa.

FIM

+ Rowan Williams, 2006

Tradução: Rev. Mário Ribas

Revisão: Profa. Vera Lucia Simões de Oliveira



Publicado pelo Departamento de Comunicação
da Secretaria-Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Caixa Postal 11.510 - Teresópolis - 90870-970 - PORTOALEGRE - RS - Brasil
FONE/FAX + 55 (51) 3318.6200 - e-mail: comunicacao@ieab.org.br
www.ieab.org.br